

VÊ-SE SÓ

O QUE SE ADMIRA

**Notas do Dia de Início de Ano
dos Colegais
com Julián Carrón
e Francesco Barberis**

*Por videoconferência,
10 de outubro de 2020*



CL

© 2020 Fraternalità di Comunione e Liberazione
para o texto de Julián Carrón

© 2020 Fondazione Meeting per l'amicizia fra i popoli
para o texto da entrevista de Fernando de Haro com Mikel Azurmendi

Tradução do italiano de Cláudio Cruz e Maria Ramos Ascensão

Na capa: Pablito Calvo, ator espanhol, protagonista do filme *Marcelino Pão e Vinho*
com direção de L. Vajda (Sespanha, 1955). Agradecemos a Filmexport Group pela genti concessão

Notas do Dia de Início de Ano
dos Colegiais
com Julián Carrón e Francesco Barberis

Por videoconferência, 10 de outubro de 2020

Canto: *The things that I see*

Francesco Barberis

«As coisas que eu vejo me fazem rir como um bebê. As coisas que eu vejo me fazem chorar como um homem!»¹ Mas quem pode fazer essa experiência agora? Quem pode rir como uma criança e chorar como um homem? Quem dentre nós consegue viver com essa simplicidade desarmante, quem está tão presente no presente?

Hoje estamos reunidos em muitas cidades da Itália e do mundo, jovens e professores, todos diferentes uns dos outros, para vivermos juntos um Dia de Início de Ano. Mas o início de quê? Por que vale a pena iniciar, por que vale a pena iniciar hoje e a cada manhã? Por quê? Porque Deus, Aquele que lhe dá e que me dá a vida, não pode fazer nada sem a sua e a minha abertura de coração, sem uma disponibilidade nossa.

Quantas cartas li nestes dias de jovens como vocês, às vezes “paralisados” no que não dá certo, fixados em seus próprios erros, em suas próprias fragilidades e objeções. Que ternura senti ao pensar em cada um

¹ R. Veras; R. Maniscalco, “The things that I see”. In: *Cantos*, São Paulo: Cia. Ilimitada, 2015, pp. 310-311.

de vocês! Se você soubesse como é importante, como é desejada, como é desejado, como é amado, amada!

Bastaria apenas um pouco de disponibilidade, um pouco daquela simplicidade que vimos – e que nos conquistou imediatamente – no rosto de Marcelino, no início da transmissão. Ter aqueles olhos! Que inveja! No filme, Marcelino aprontava todas, mas vencia nele o «olhar deixando-se atrair».² Havia nele, sempre, uma saudade irredutível de sua mãe, a quem nunca tinha visto porque ela tinha morrido ao dá-lo à luz. Em Marcelino, essa saudade transformava-se na espera incessante de um amor infinito pelo seu destino.

Por isso, se vencer entre nós e em nós esta disponibilidade e esta espera, Deus «me mostrará ainda mais do que eu agora vejo», como acabamos de cantar.

Cantemos juntos: *Favola*

A companhia diz: «Olha, continua olhando». «Não tenhas medo porque Alguém está contigo [...], nunca te abandonará / não tenhas medo, entra nos campos e vai...»³ Os campos são as circunstâncias – as que nos são dadas, não as que imaginamos –. E dentro das circunstâncias nunca somos – nunca! – deixados sozinhos: «Alguém está contigo, nunca te abandonará...»

Dizia Dom Giussani: «A companhia [...] diz: “Olha”. Porque em toda companhia vocacional sempre há pessoas, ou momentos de pessoas, para olhar. Na companhia, a coisa mais importante é olhar as pessoas».⁴ Para reconhecer essas pessoas, essas pessoas que são presenças, é necessária uma lealdade de fundo para com nós mesmos.

Por isso, na raiz de tudo, também hoje, vence em mim uma gratidão, e ao mesmo tempo um desejo de ouvir Julián Carrón, para surpreendermos o que ele deseja para o nosso caminho dos Colegiais.

² L. Giussani, *Dal temperamento un metodo*. Milão: Bur, 2002, p. 282.

³ C. Chieffo, “Favola”. In: *Canti*. Milão: Soc. Coop. Ed. Nuovo Mondo, 2014, pp. 267-269.

⁴ L. Giussani, “Cartaz da Páscoa, 1994, Comunhão e Libertação”. In: *Idem, In cammino. 1992-1998*. Milão: Bur, 2014, p. 366.

Julián Carrón

Olá a todos!

Infelizmente, hoje temos de nos comunicar uns com os outros por vídeo; não podemos olhar-nos pessoalmente no rosto: vocês não podem fazê-lo comigo, nem eu com vocês, não posso ver os seus rostos, que são sempre mais agradáveis do que uma câmara de televisão! Apesar disso, espero que, embora com este instrumento, possamos chegar uns aos outros, que eu possa chegar a vocês e que vocês estejam disponíveis para ouvir o que desejo dizer-lhes, para podermos acompanhar-nos neste momento particularmente desafiador que todos estamos vivendo.

Voltam as aulas, e com elas o desafio do dia a dia. Com muitas questões, muitas interrogações em aberto. Como as coisas vão correr no futuro próximo é uma questão em suspenso para todos, com muitos pontos de interrogação sobre como enfrentá-lo. Nestes dias, li uma entrevista com um intelectual francês, Edgar Morin, que definia o nosso tempo com uma palavra: incerteza. «Entramos na época das grandes incertezas». E acrescentou: «Não se pode conhecer o imprevisível. [...] A vida é uma navegação [a dele dura bem há uns 99 anos!] num oceano de incertezas através de ilhas de certezas. Ainda que seja escondida ou removida, a incerteza acompanha a grande aventura da humanidade, todas as histórias nacionais, todas as vidas individuais. Porque cada vida é uma aventura incerta: não sabemos de antemão o que nos aguarda nem quando chegará a morte. Todos fazemos parte desta aventura, cheia de ignorância, de desconhecido, loucura, razão, mistério, sonhos, alegria, dor. E incerteza».⁵

Não é difícil imaginar que tipo de vertigem uma situação como a que estamos vivendo provoca também no ânimo de vocês, já em si inquieto devido à idade. As condições atuais fazem surgir as perguntas mais simples e ao mesmo tempo mais pungentes: o que é a vida? O que enche os dias de gosto e de interesse? Há algo certo que nos permita navegar no oceano das incertezas? Identifico-me com as suas perguntas, que vocês trazem tantas vezes estampadas no rosto. De fato, não é possível terem-nas muito tempo aí dentro sem que se manifestem em seus rostos.

⁵ E. Morin, “Il potere dell’incertezza”, entrevista de A. Ginori, *la Repubblica*, 1 de outubro de 2020.

Às vezes esta incerteza, esta vida tão cheia de perguntas, faz com que nos rebelamos: não teria sido mais simples nascer como um dos muitos seres que se movem segundo leis fixas? Ou como aqueles seres vivos que não compreendem e não têm de “resolver” o enigma da vida? Como um pássaro que tem um aparato instintivo tão perfeito que não precisa passar pelas dificuldades a que nós humanos não nos podemos poupar? Mas quem entre nós trocaria a trepidação diante da pessoa amada pelo tédio de uma ligação determinada pelas leis da física?

É precisamente esta «sublimidade do sentir» humano – «Ó natureza humana, / Se em tudo és frágil, vil, / Se és pó e sombra, como no alto vagas?» – que faz surgir diante da nossa consciência o «mistério eterno / do nosso ser»,⁶ como o chama Leopardi, mistério de uma grandeza única, que seu gênio descreveu com incomparável beleza.

Certas perguntas constituem-nos como homens. Por isso, bem-vindos ao mundo dos homens, dos homens conscientes de si! Largaram a bolha protetora – até certo ponto, para dizer a verdade – do mundo infantil e estão entrando no mar aberto da vida, onde a navegação se revela incerta. Circunstâncias como a que estamos vivendo impelem-nos, portanto, a crescer na direção de uma consciência mais profunda. E podemos crescer de verdade, se não deixarmos escapar a oportunidade que este desafio traz consigo!

Se nós podemos enfrentar este desafio sem nos perdermos, com uma positividade de olhar, é porque somos acompanhados por presenças que, como Dom Giussani, nos desafiam a ver o bem que também estas circunstâncias trazem. «Um indivíduo que tenha vivido pouco o impacto com a realidade, porque, por exemplo, teve pouco com que se esforçar para realizar, terá um escasso sentido da própria consciência, perceberá menos a energia e a vibração da sua razão»,⁷ diz no seu livro mais famoso, *O senso religioso*.

Eis como vemos vibrar a razão numa garota que esfrega na cara de seu professor a perturbadora fome de sentido que tem: «Professor, é preciso haver alguém que comunique a nós, jovens, o sentido da vida, o gosto

⁶ G. Leopardi, “Sobre o retrato de uma bela mulher esculpido em seu jazigo”. In: Idem, *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996, pp. 276-277.

⁷ L. Giussani, *O senso religioso*. Jundiaí: Paco Editorial, 2017, p. 155.

pelo dia a dia». E acrescenta: «É preciso alguém que mostre que é possível não ter medo das exigências de sentido, de felicidade!»

Impressiona-me a precisão com que essa nossa amiga exprime o que procura: alguém que comunique o gosto pelo dia a dia vivendo-o ele mesmo em primeira pessoa. Assim, ela poderá ver que é possível não ter medo das perguntas de sentido, de felicidade.

Paradoxalmente, precisamente ao captar a vida em toda a sua dramaticidade – eis aqui a sua grandeza – ela descobre o critério de juízo para a navegação no mar aberto da incerteza. Com efeito, não é qualquer resposta que é capaz de fazer frente à urgência que ela sente premente dentro de si. Quando, pelo contrário, não nos damos conta dessa urgência, é fácil sucumbir à confusão, tudo parece igual, uma coisa vale o mesmo que a outra. Ao passo que, quanto mais urge o pedido de um dia a dia que dê gosto, mais fácil é não nos confundirmos. Essa garota tem em si – como todos, mas é preciso estar consciente disso e fazê-lo valer – o critério para identificar as presenças que carregam o que ela procura. A vida, então, torna-se uma questão de atenção, de escancarar o olhar.

Exigências como esta “gritada” pela garota fazem-nos entender o drama em ação: é uma luta entre o gosto pelo dia a dia e o vazio de sentido – que nos agarra por dentro –, entre o ser e o nada. Se não o levamos a sério, seremos nós as próximas vítimas, se é que já não o somos, do niilismo desenfreado.

Para descrever em termos sintéticos a natureza desta luta, temos usado muitas vezes uma expressão do filósofo do final do século XIX Friedrich Nietzsche, que representa a consequência extrema do *seu* niilismo: «Não há fatos, apenas interpretações».⁸ A repercussão em nós desta posição é oscilar, no oceano da incerteza, entre mil interpretações, sem saber distinguir qual delas acolhe lealmente os fatos e se submete à autoridade da experiência. Nenhum fato nos “prende” a ponto de nos fazer sair da equivalência das interpretações. Parece tudo igual. E a incerteza torna a navegação ainda mais vertiginosa.

Há algo capaz de desafiar este axioma: «Não há fatos, apenas interpretações»? Há fatos capazes de desafiar a avalanche indistinta de interpre-

⁸ Cf. F. Nietzsche, *Fragmentos Póstumos 1885-1887*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013, v. 6.

tações, que valem todas o mesmo, pela qual somos soterrados nesta sociedade da “informação”? Onde pode aquela garota, ou cada um de nós, encontrar algum indício que lhe permita reconhecer a vitória do ser sobre o nada, do gosto pelo dia a dia sobre o vazio dos dias sem sentido?

Como venho repetindo nestes meses em diversas ocasiões, o caso mais emblemático é o do cego de nascença curado por Jesus. Também naquela manhã deve ter acordado com a incerteza dentro de si, sendo cego. Por acaso poderia ter imaginado o que lhe estava por acontecer? Vamos ouvi-lo.

«Ao passar, Jesus viu um homem cego de nascença. [...] Cuspiu no chão e fez um pouco de lama, aplicou sobre os olhos do cego e disse-lhe: “Vai lavar-te na piscina de Siloé”, que quer dizer Enviado. O cego foi, lavou-se e voltou enxergando. Os vizinhos e os que estavam acostumados a vê-lo, pois era mendigo, diziam: “Não é ele que ficava sentado pedindo esmola?” Uns diziam: “Sim, é ele”. Outros afirmavam: “Não é ele, mas alguém parecido com ele”. Ele, porém, dizia: “Sou eu mesmo”. Então lhe perguntaram: “Como se abriram teus olhos?” Ele respondeu: “O homem chamado Jesus fez lama, untou-me os olhos e disse-me: ‘Vai a Siloé e lava-te’. Eu fui, lavei-me e comecei a ver”. Perguntaram-lhe ainda: “Onde ele está?” Ele respondeu: “Não sei”. Então levaram aos fariseus aquele que fora cego. Ora, era sábado o dia em que Jesus havia feito lama e lhe havia aberto os olhos. Os fariseus, por sua vez, perguntaram ao homem como começara a enxergar. Respondeu-lhes: “Ele pôs lama sobre meus olhos, eu fui lavar-me e agora vejo!” Alguns dos fariseus disseram: “Esse homem não vem de Deus, pois não observa o sábado”; outros, no entanto, diziam: “Como pode um pecador fazer tais sinais?” E havia divisão entre eles. Voltaram a interrogar o que fora cego: “E tu, que dizes daquele que te abriu os olhos?” “É um profeta”, respondeu ele. Os judeus não acreditaram que ele fora cego e tivesse começado a ver, enquanto não chamaram os pais dele. Perguntaram-lhes: “Este é o vosso filho, que dizeis ter nascido cego? Como é que agora está vendo?” Os pais responderam: “Sabemos que este é o nosso filho e que nasceu cego. Como agora está vendo, não o sabemos. E quem lhe abriu os olhos, tampouco o sabemos. Perguntai a ele, tem idade e pode falar sobre si mesmo”. [...] Os judeus tornaram a chamar o que fora cego e disseram-lhe: “Dá glória a Deus. Nós sabemos que esse homem é

um pecador”. Ele respondeu: “Se é pecador, não sei, Só sei que eu era cego e agora estou vendo”. Eles perguntaram: “Que é que ele te fez? Como ele te abriu os olhos?” Ele respondeu: “Já vos disse e não me escutastes. Por que quereis ouvir de novo? Acaso quereis tornar-vos discípulos dele?” Os fariseus, então, começaram a insultá-lo, dizendo: “Tu, sim, és discípulo dele. Nós, porém, somos discípulos de Moisés. Nós sabemos que Deus falou a Moisés, mas esse, não sabemos de onde é”. O homem respondeu-lhes: “Isso é de se admirar! Vós não sabeis de onde ele é? No entanto, ele abriu-me os olhos! Sabemos que Deus não ouve os pecadores, mas se alguém é piedoso e faz a sua vontade, a este ele ouve. Jamais se ouviu dizer que alguém tenha aberto os olhos a um cego de nascença. Se esse homem não fosse de Deus, não conseguiria fazer nada”. Eles responderam-lhe: “Tu nasceste todo em pecado e queres nos ensinar?” E o expulsaram. Jesus soube que o tinham expulsado. Quando o encontrou, perguntou-lhe: “Tu crês no Filho do Homem?” Ele respondeu: “Quem é, Senhor, para que eu creia nele?” Jesus disse: “Tu já o viste: é quem está falando contigo”. Ele afirmou: “Eu creio, Senhor!”⁹

O que foi que arrancou este cego da sua situação, da incerteza? Um fato. «Antes não via e agora vejo», repete sem parar. Mal ocorreu o fato, e já se desencadearam todas as interpretações possíveis e imagináveis, da família, dos vizinhos, dos fariseus. É impressionante que, depois do milagre, Jesus não tenha tido medo de deixá-lo sozinho no meio do tiroteio dessas interpretações! Mas o cego não se confundiu nem por um segundo, não teve a menor dúvida acerca do fato que lhe acontecera, não sofreu nem um arranhão das interpretações que não respeitavam o evento.

Mas, atenção: o cego de nascença não se alinha de imediato com Jesus. Em primeiro lugar adere à realidade, alinha-se com o fato, é leal com o evento: «Antes não via e agora vejo». É esta evidência da verdade – que encontra espaço nele, que resplandece nele: «Antes não via e agora vejo» –, o que o faz depois alinhar-se com Jesus. Mas essa escolha do cego de nascença não é ideológica, não é uma tomada de partido, pois é o reconhecimento da evidência de enxergar o que o leva a reconhecê-Lo. Vemos isso pelo percurso que ele faz, tal como o Evangelho de São João

⁹Jo 9,1-38.

no conta: «Quem te abriu os olhos?» No início responde: «O homem que chamado Jesus». E depois: «E que dizes dele?». «É um profeta!» E por fim, quando encontra novamente Jesus, que lhe pergunta: «Tu crês no Filho do Homem?», pergunta-lhe por sua vez: «Quem é, Senhor, para que eu creia nele?» Jesus lhe diz: «Tu já o viste: é quem está falando contigo». E ele: «Eu creio, Senhor!»

O cego curado não é um maníaco intransigente que quer impor sua interpretação: é o único que não pisa o fato (agora enxerga e isso se deu por causa daquele homem chamado Jesus, a quem depois reconheceu como profeta e por fim, em toda a sua profundidade, como Deus), um fato que todos os demais querem negar para imporem sua ideologia sobre a evidência da realidade. A ideologia é a interpretação que elimina os fatos em virtude de preconceitos, de algo a defender.

O início pode ser uma coisa espetacular como a cura da cegueira, ou uma coisa aparentemente mais banal, como ouvir um programa de rádio às seis da manhã quando se está internado no hospital, como aconteceu ao nosso amigo Mikel Azurmendi (conhecido sociólogo espanhol, protagonista de uma longa entrevista televisiva da qual veremos daqui a pouco um trecho). Como quer que aconteça, cada um de nós – como ele próprio diz – é convidado, em primeiro lugar, a *olhar* para o que acontece diante de seus olhos, para o que está acontecendo agora.

Não há nada que possa desafiar mais o nosso nada do que o acontecer de um evento, de determinados fatos. Só «uma humanidade nova, diferente, mais verdadeira, mais completa, mais desejável [...] pode abrir uma brecha na nossa consciência de homens, e de homens contemporâneos». É o único fato «que pode ser ouvido como a um convite que fascina e liberta».¹⁰

Uma garota que participava da vida dos Colegiais, durante o confinamento, pouco a pouco foi reduzindo sua presença no Zoom, até desaparecer completamente no início do verão, quando foi novamente possível recomeçarmos a ver-nos, ainda que com todas as precauções. Numa conversa telefônica, confessou a uma professora amiga que vive fechada em

¹⁰ J. Carrón, *O brilho dos olhos. O que nos arranca do nada?*, Fraternidade de Comunhão e Libertação, 2020, p. 101-102.

casa com a mãe e a avó, com terror do contágio. Identificando-se com o desconforto da garota, a professora lhe disse que só um afeto grande pode ser maior do que o medo e lhe propôs fazer Escola de Comunidade no seu jardim, muito grande, com ela e, se ela quisesse, com mais alguns. Inesperadamente, ela aceitou e finalmente saiu de casa.

Só assim, como evento que acontece agora, na minha e na sua história, Cristo torna-se experimentável como esperança no presente, como algo que vence o presente e enche o futuro de esperança, desafiando a incerteza. Nós o reconhecemos em muitos testemunhos deste verão.

Uma de vocês contou: «O período da quarentena e de um verão bastante restritivo foi determinante para muitas questões, especialmente para as amizades e a minha forma de me aproximar delas. Nestes meses, dei-me conta de precisar de determinadas pessoas a quem nunca teria atribuído muita importância, e do quanto, pelo contrário, outras na realidade me eram indiferentes. Sempre fui uma pessoa que gosta de estar por conta própria. Nos momentos de dificuldade e de tristeza, já tinha me acostumado a responder: “O que poderia mudar?” Contra todas as expectativas, durante o confinamento passei a procurar os amigos como nunca tinha feito ou pensado fazer. Precisava ver determinados rostos, que conseguiam restituir-me um pouco daquela vida que eu tinha substituído por uma sufocante indiferença ou por um cinismo frio. Sentia a exigência daqueles amigos que, na mais absoluta simplicidade, tinham sempre respondido, mesmo quando eu tinha deixado de procurá-los. Mesmo antes de começar as aulas, pedi a alguns colegas para nos vermos, e a consciência de voltar a estar com eles, de estar com eles nas aulas, tem um efeito determinante nos meus dias».

A este testemunho de uma de vocês, faz eco o de uma jovem mãe palestina, que contou sua experiência durante um dos nossos encontros deste verão. Quando a ouvi, interroguei-me: o que será que viu no grupo de peregrinos do Movimento vindos da Itália aquela mulher cristã palestina, que considerava seu nascimento na Palestina uma punição para si e para seus filhos, para decidir ficar na sua terra tendo desejado fugir por tantos anos? Ela fez um encontro que mudou seu julgamento, seu olhar para tudo. E ainda: que experiência fez a nossa amiga do Movimento gravemente doente, Xiao Ping, para tornar-se «o coração

pulsante da comunidade» de Taipei? Até chegar a dizer: «Ultimamente tenho percebido que minha tarefa agora não é tanto aprender a enfrentar a dor ou a morte que se aproxima, mas usar o tempo que me resta para contar a todos o que encontrei». ¹¹ Ela entendeu qual é a maior urgência do presente: responder com a própria vida à pergunta sobre o sentido da vida, a mesma pergunta feita pela garota ao professor: «É preciso haver alguém que comunique a nós, jovens, o sentido da vida, o gosto pelo dia a dia».

O ABRAÇO

Transcrição de alguns trechos
da entrevista televisiva com **Mikel Azurmendi**,
realizada por Fernando de Haro para o Meeting 2020
Special Edition, em ocasião da publicação do livro
L'Abbraccio pela BUR Rizzoli.

Mikel Azurmendi. Não esperava encontrar nada disso na minha vida. Foi uma surpresa tremenda. Totalmente fora do normal. Fiquei surpreso, disse a mim mesmo que valia a pena escutar, e pouco a pouco entrei num estado emocional de admiração. [...]

A surpresa de uma pessoa, esse fato surpreendente, que encontra algo ou alguém, ou um livro... e quando vê que poderia ser interessante para ela, vira admiração. A admiração é um movimento que te leva a identificar-se com o que mais estima, porque você não esperava. [...]

Eu decidi explicar absolutamente o que estava acontecendo diante de um olhar atônito. Todos os outros não querem ver o que acontece. Dizia-me: «Eu tinha isto em mãos, porque não o olhava? Isto precisa ser explicado». Qualquer sociólogo tem de explicar por que num determinado momento olhou para isso, quando o tinha na sua frente todos

¹¹ «Cartas», *Passos*, n. 229, out. 2020, p. 2.

os dias. Você só pode olhá-lo quando o admira, quando crê que ali há algo de bom para si. [...]

Meu objeto seguinte de espanto foi Prades. [...] Com Prades, você encontra uma pessoa que te escuta, que te pergunta... que te surpreende e que por sua vez fica surpresa, surpresa com o fato de você precisar falar com ele; fica surpreso por você olhá-lo, e isso te surpreende ainda mais. Ele tem um olhar que vai entrando em você e te acalmando. Convidou-me a ir a Madri para um encontro, e eu disse a minha namorada (ainda não era casado), Irene: «Eu não vou». E ela: «Mas você lhe disse que vai». Era verdade, eu lhe tinha dito que sim... Queria me reconciliar com aquele homem que me olhava de maneira especial, que me entendia e me escutava. E fui ao EncuentroMadrid. Para ir tive de vencer algo em mim, o que eu tinha a ver com os cristãos? [...]

E no EncuentroMadrid encontrei a humanidade mesma; não a Festa da Humanidade; encontrei gente humana, encontrei pessoas que sorriam, que iam e vinham em silêncio, que se cumprimentam, se abraçam, te escutam, te perguntam. Crianças que corriam por aí... Sorrisos, alegria... Fiquei boquiaberto. Jamais imaginaria uma coisa parecida. [...]

Fernando de Haro. *Há um momento em O abraço que me parece o mais fascinante de todos: você está diante dessa tribo que você está estudando, e num determinado considera plausível, possível, a hipótese de que o que está vendo seja consequência não só de Deus, mas de um Deus encarnado. Não dá por encerrada a questão admitindo que essas pessoas se comportam assim porque são parte de uma neurose coletiva ou porque sublimaram seus desejos; há um momento no livro em que você aceita a plausibilidade da hipótese. Como chegou a esse momento?*

– Você está se referindo certamente a um dos últimos trechos, em que faço uma espécie de cálculo: «Essa vida tão bonita que eu queria ter vivido, o estilo de vida dessa gente, a entrega dessa gente, a alegria dessa gente, esse estilo de vida como é possível?» Você pode ter um clarão. Há pessoas espetaculares, maravilhosas, que têm como clarões, mas depois dão passos para trás. Mas você vê essas vidas, eu segui por dois anos essas vidas, essas pessoas (no livro são personagens, mas são pessoas), famílias, e sei que isso é impossível a não ser por um milagre. E é um milagre essa família, outro milagre aquela pessoa. Há milagres por toda parte. E isso é muito miste-

rioso. O estilo de vida me leva a perguntar: «Por que esse estilo de vida?» Você pode ter um clarão durante um ou dois anos, mas a vida toda... Mas a sua vida, a vida seguinte, faz dois mil anos que há vidas como essas. Penso que os cristãos viveram por dois mil anos como vocês vivem, embelezando a humanidade, florescendo a caridade, o amor. Os sociólogos não falam disso porque não estão interessados. Não falam de Comunhão e Libertação ou de outros cristãos que eu não conheço, mas que existem, sei que existem porque os encontrei, em irmandades, fraternidades. Então você se pergunta. Poderia explicar uma vida, uma vida durante bastante tempo – não pela vida inteira –, mas explicar famílias, vidas, gerações fazendo o bem, sendo o bem, sendo boas... Há uma só explicação deste fato: que o que te dizem seja verdade, que a verdade seja realmente verdade em ação. A verdade é sempre operativa. A verdade produz vida. Esse estilo de vida é produzido por algo: dizem que é Jesus Cristo. Se eu preciso dessa vida, se é objeto de admiração para mim, tenho de olhar com admiração para o motor que move essa vida. E isso é tudo. Então se entende que esse motor foi humano. Deus feito homem. Só assim dá para entender. Eu fui professor de História Comparada das Religiões. Quero concluir com isto: os deuses que todos nós estudamos são abstrações. Nunca houve uma pessoa que tenha dito o que Jesus disse: «Perdoai-vos uns aos outros, amai-vos, visitai os doentes, dai de comer aos famintos, o outro é mais importante que tu, a vida não é para ser guardada, é para ser dada, e se procurardes conservá-la a perdereis». Não há em toda a humanidade – ao menos eu não encontrei, e imagine se eu não conheço as religiões, li centenas de volumes – alguém que tenha dito isso. E não é só que Jesus o disse, é que essas pessoas são aqueles que O estão seguindo. E então você soma dois mais dois. E diz: «Tenho de acreditar nisto, este é o Jesus vivo em que eu creio». Em Deus eu não teria acreditado.

– *Por quê?*

– Porque Deus é uma ideia. A filosofia primeiro, a religião e a teologia depois, caíram na armadilha de reduzir Deus a uma ideia. Esta é a diferença. Não falamos de Deus. Falamos de um homem que era Deus, que nos ensina para onde temos de ir.

– *Lembro-me do dia em que você nos disse: «E se for verdade que Jesus ressuscitou?» Estava lutando com a veracidade daquele testemunho.*

– Há um momento em que você é obrigado a perguntar-se: «Como podem errar todos juntos ao mesmo tempo?» Também os inimigos sabiam. E não O conheciam. João e André andavam com Ele, mas não O conheciam. «Mas é o mestre!» Ficaram dois ou três anos com o mestre. A pessoa saíria tão transformada, depois! Isso é a ressurreição. Sabemos que existe a ressurreição. Ressuscitou e nos disse que vamos ressuscitar.

– *Mikel, obrigado por ter escrito O abraço. Obrigado por este momento de conversa, por tudo o que elaborou nos últimos anos.*

– Eu é que devo agradecer a vocês.

Carrón

Antes de acabar, permitam-me uma última “intrusão” no Dia de Início de Ano de vocês, para desejar-lhes uma coisa.

O ano que acabou de começar é uma ocasião fantástica. E, para enfrentar as incertezas do futuro, vocês têm um grande aliado: seu coração esfomeado de um sentido à altura da vida. Não se contentem em sobreviver, porque a vida pede a eternidade, ou seja, tudo.

Sejam leais com seu coração e começarão a ver muitos companheiros de caminho – ainda que às vezes “à distância”, como no vídeo de hoje – que têm a audácia de navegar no oceano das incertezas, porque estão no barco do destino junto com Jesus.

Numa conversa com o escritor Giovanni Testori em 1980, Giussani disse: «Eu não consigo achar outro indício de esperança que não seja a multiplicação dessas pessoas que sejam presenças. A multiplicação dessas pessoas; e uma inevitável simpatia [...] entre essas pessoas».¹²

Se conservarem os olhos abertos, vão descobrir amigos – pequenos ou grandes, novos ou velhos, não importa –, que lhes testemunharão o «gosto pelo dia a dia» e lhes darão uma vontade louca de viver como eles. Se olharem para eles e aceitarem segui-los, será um ano cheio de surpresas.

Boa aventura, amigos!

¹²L. Giussani; G. Testori, *Il senso della nascita*. Milão: Bur, 2013, p. 116.

